

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA¹

Entrevistadores: Carolina Reis (Cacau) e Gabriel Faria

Entrevistada: Carmen da Silva Ferreira

São Paulo, 31 de maio de 2024

Duração: 40 minutos

Plataforma de realização: Cozinha da Ocupação 9 de Julho, em São Paulo.

ENTREVISTA COM CARMEN SILVA:

Quem ocupa, cuida!

Cacau: Eu queria que você contasse um pouquinho das suas primeiras memórias na Bahia, na tua infância, da tua história...

Carmen: Bem, eu nasci no Recôncavo Baiano, em Santo Estêvão. Aí a recordação da minha infância é que eu tinha muitos amigos, mas só que eu fui embora para Salvador. Lá em Salvador foram novos amigos. Quatro anos. É... chegando em Salvador... aí já foi fazendo, já fui fazendo novos amigos, tanto na escola como também na rua... e foi infância normal.

Cacau: E você lembra disso? De fazer os novos amigos, tudo?

Carmen: Sim... Vocês não lembram da infância de vocês?

Cacau: Não... não lembro...

(pausa)

Cacau: Você pode começar se apresentando, o seu nome?

Carmen: Bem, meu nome é Carmen da Silva Ferreira. É... eu nasci no Recôncavo Baiano, lá em Santo Estêvão. Com 4 anos eu fui para Salvador. Salvador, eu... (reformula) em Santo Estêvão eu tinha uma amiga que chamava Ângela, uma amiga... assim, uma das melhores amigas, mas eu tinha um grupo muito grande de amigos, né, Salvador... quando eu fui para Salvador, deixei os amigos lá, mas eu sempre voltava de férias pra lá. Em Salvador, fiz novos amigos. Tanto na escola, como também na rua. E daí a gente foi crescendo junto, né... tenho amigos até hoje dessa fase.

Cacau: E você lembra da tua escola, assim, quando você chegou em Salvador?

Carmen: Ah sim, quando eu cheguei em Salvador eu era muito precoce na leitura, então eu tive que entrar numa escola particular, com a professora particular, porque as escolas, é... públicas não me aceitava por causa da idade.

¹ O estilo de transcrição escolhido se propôs a corrigir questões gramaticais e fazer outras adequações, sem mudar o sentido da fala.

Cacau: Olha só! E você já lia tudo, assim, né?

Carmen: Já, já lia. E aí, eu fui pra essa escola. Fiz a admissão, que também entrei no ginásio cedo, com 11 anos. Né, e então... tinha que fazer admissão, porque não dava... a idade ainda não dava para entrar no ginásio. No ginásio eu estudei no colégio meio público, meio particular, tá... Meu diretor era José Pires Castelo Branco. Era ministro da educação, era vereador, né.

Cacau: E tua vida na política, assim, porque você lembra de você garota, você era super inteirada né? (...)

Carmen: Ah sim, no colégio que eu estudava eu tinha aula de teatro, eu tinha muita aula de história. Tinha história... tinha estudos sociais e tinha história, né. Então a história tem as fases: tem a história que começa contando a história besta do Brasil, depois vem as histórias das revoluções, Revolução Francesa, que aí já é com estudos sociais. Daí eu já fui me inteirando... mas, assim, nessa questão política, acho que o teatro teve tudo a ver. A minha escola era uma escola de político, né era uma... época também que tava desenvolvendo, ainda era resquício da ditadura, ainda não tinha... é... presidente eleito. O último presidente era Figueiredo e Ernesto Geisel, né? E daí começa aquele chamado em 88, Ulysses Guimarães, né, pras Diretas Já. Meu pai era cabo eleitoral, também eu tinha convívio com vários políticos. Meu pai era militar então eu... sagazmente, assim, pra questão política, eu acho que todo corpo é político. Eu já discutia questões de várias outras coisas. Já eram já questões reais de política, né mesmo sem ter noção... discutia questões de juventude, questão de mulher...

Cacau: E faz muito sentido isso porque quanto você foi uma mulher muito pra frente assim, né? (...)

Carmen: É... eu nunca fiquei parada. Eu acho que a minha vida só deu uma atrapalhada, que eu fiquei para trás mesmo, assim... também ainda fazia muita coisa, foi quando de fato eu... caí na besteira de casar. Aí foi a maior burrada que eu fiz na vida

Cacau: E isso não foi quando você veio para São Paulo, né?

Carmen: Não, lá.

Cacau: Lá na Bahia você se casou e se apaixonou (...)

Carmen: Não, e eu achava que se eu casasse eu ia ter liberdade, sair e fazer, sair para balada. Salvo engano.

Cacau: E seus filhos vieram desse casamento?

Carmen: Sim, sim.

Cacau: E você teve eles lá... e quando você veio pra São Paulo?

Carmen: Eu vim pra São Paulo na década de 90, no início de 90, né. Quando eu vim para São Paulo eu vim praticamente fugindo... pra não morrer na mão do feminicida, né. Que era esse meu esposo abusador, tóxico. Era um relacionamento tóxico, né. Então... Eu vim para São Paulo, fugindo e aí eu deixei todos os meus filhos lá. Chegando aqui em São Paulo, para mim foi a maior decepção porque eu achava que eu tinha estudo, que eu tinha experiência, que eu ia arrumar trabalho... Tudo aquilo que a pessoa vem buscar em São Paulo, que é o dourado.

Cacau: Tudo que prometem, mas também...

Carmen: Mas tudo não passa da falta de política pública, né. Hoje eu compreendo que tanto aqui como lá, em qualquer outro local, eu iria sentir a mesma coisa que é a questão do pertencimento, né, eu não tinha nenhum pertencimento a São Paulo.

Cacau: Você chegou sozinha né?

Carmen: É, vim pra casa de amigo... quando você tem dinheiro, é... curto (reformula) todo mundo lhe recebe bem, mas quando o dinheiro acaba, já começa, muda, né? A coisa muda de figura.

Cacau: E você passou por tudo isso na pele, né? (...)

Carmen: É e aí eu conheci o movimento, fui para a rua, da rua eu fui pro albergue e daí eu conheci o Movimento por Moradia. Quando eu conheci o Movimento por Moradia, aí foi indo e eu percebi que quem estava do meu lado, tanto faz se está na frente, atrás, do lado, tinham os mesmos problemas que eu, até piores. Então, aí eu passo a compreender que eu realmente não poderia ter vinculação nenhuma com São Paulo e eu não tinha nenhum pertencimento. Aí eu passo a participar efetivamente da vida de São Paulo, de audiência pública, de reuniões. Se discutindo questão de moradia, aí sim, eu passo de fato a ter o pertencimento a São Paulo. E ali eu passo a compreender que em qualquer local do Brasil onde eu estivesse, a perseguição seria a mesma que era a falta de política pública.

(pausa)

Cacau: Você tava falando da sua vinda para São Paulo...

Carmen: É, a minha vinda pra São Paulo foi mais uma fuga né, eu vim tentar uma vida nova, saí fugida praticamente, pra não morrer na mão do feminicida e chegando aqui eu me deparei com um país totalmente diferente, um outro Brasil, né. É, por mais que a gente... (reformula) eu seja brasileira, eu me senti uma refugiada no meu próprio país... o que deveria nos unir, que é a nossa diversidade, ao contrário, isso nos afasta e ter um choque cultural muito grande.

Cacau: Sim... e você falou do Movimento por Moradia, que você encontrou seus pares aqui... você tomou muito a frente, né?

Carmen: É, justamente. Não dava só, infelizmente só pra eu ser uma ouvinte, né. Eu nunca me coloquei no papel de ouvinte. E sim, também de aplicabilidade de ações e de participar, de participação efetiva, né... então ia em ato, conferências, reuniões, assembleias...

Cacau: (...) Imagina quantas reuniões você já não participou, mulher!

Carmen: Diversas... São Paulo inteira me conhece.

Cacau: E você é essa pessoa que é uma liderança (...), mas você também é essa pessoa que preza pela conversa, pelo encontro, pelas trocas...

Carmen: É que tem que conversar, tem que haver a troca, né, porque... tem as quebras de paradigmas também. Começo também a perceber que por mais que a vinculação da moradia... era o que eu buscava, mas também tinha a questão muito séria, que é a questão de vincular políticas integradas

Cacau: A mudança estrutural, né? (...)

Carmen: Não para lutar por moradia sem ela ter outra estrutura. A moradia, sozinha, não resolve o problema de ninguém.

Cacau: Então a gente vai entrar nesse capítulo da sua vida que é o MSTC, que você é uma liderança muito forte, uma fundadora também né. Essa estruturação, essa estratégia ligada ao movimento político...

Carmen: É feminina, é um movimento feminino, político, social...

Cacau: Cultural!

Carmen: Cultural, e que, acima de tudo, não vivencia o assistencialismo, né. A gente quer tirar do movimento esse grau de assistencialismo, né. As pessoas têm que compreender que a luta... que direito é garantia, né. Então, o direito não é dado, não é ajuda, não é favor. Agora, as pessoas tem que saber lutar pelo direito e também o direito tem seus deveres, né. Então, um deles é ter todos seus documentos em dia, é as pessoas trabalharem... governo nenhum dá casa, governo não dá nada a ninguém. Os benefícios que o governo dá requer que você tenha... que esteja apto a receber aquele benefício... e pra você estar apto para receber o benefício, você tem que cuidar da sua vida. Ter seus documentos em dia, ter toda uma legalidade, que é regular, né. O Brasil é um país burocrático.

(...)

O Brasil é burocrático demais, então tudo é certidão, tudo tem que dar... hoje, por exemplo, é o último dia do Imposto de Renda. As pessoas acham que o imposto de renda é só pra quem é rico. Nós também temos que declarar. Mesmo sendo isento tem que declarar o imposto.

Cacau: Você é uma voz muito potente, também, dessa geração e eu acho que é uma coisa que é uma coisa que você traz muito forte na sua caminhada, assim, que você consegue

falar com todas as pessoas, né. Eu ia perguntar também sobre a sua participação na política burocrática e agora, como você se enxerga nisso? Porque, é uma coisa que você tem muito forte e você não perdeu, né? Essa descaracterização que fazem, das falas, das lideranças que são populares... você é uma líder popular, né?

Carmen: Eu acho que assim... toda a liderança e todo o ser ele é político. A mulher é feminista... não por que ela vai... (reformula) é contra homem, não. É a mulher é feminista porque sempre lutou por direito, né, por vaga em creche, comida, né, mobiliza. E nessa questão da política burocrática, que eu sempre... que eu tô mais dentro... é uma questão mesmo de enfatizar que o Brasil é regulatório, né? Um gestor de Estado no Estado brasileiro necessita ter seus secretariados, necessita ter as pessoas que compõe, que vão formalizar as políticas públicas, os grupos de trabalho. Então, por exemplo... hoje eu estou dentro do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio e eu tô sentindo de perto, cada vez mais como se faz uma nota técnica, qual a demora para se implantar um decreto, como que pode ser, quem é o ponto... entendendo o que é o ponto focal, entendendo de políticas afirmativas e finalísticas! Porque um ministério, uma gestão... ela é feita de políticas finalísticas e de organização. Então cada vez mais compreendendo isso...

Cacau: E como é que anda, assim, a sua vida pessoal?

Carmen: Ah, a minha vida pessoal, normal. Vou pro samba, vou pra festa, vou pra onde eu tenho que ir... Não me impacta.

Cacau: (...) E eu acho que esses dois pés nos chão são muito importantes, assim, pra você se manter saudável, se manter você...

Carmen: Tem ter... se não tiver isso, já era, né. E aí vai desenvolvendo vários projetos e vai desenvolvendo. Cada vez vai aparecendo mais projeto e tem que ir desenvolvendo.

Cacau: E isso era uma coisa que eu queria saber de você. Porque você não é líder só de uma coisa... você sempre tá em vinte mil, né? Fora a casa, fora teus filhos pra criar, como você conseguia lidar com tudo isso ao mesmo tempo, né? Você também fundou o instituto Verbo (...) são muitos projetos que você equilibra.

Olha, eu acho que dada a necessidade de cada conjuntura que vai se evoluindo, a evolução se dá por essa travessia né? Eu não posso ficar a vida inteira só falando de um movimento que quer casa, né? Tem outras coisas para poder fundamentar isso, é necessário ter o fundamento da soberania alimentar, é necessário a gente trabalhar com a percepção da tecnologia social, que é a troca de saberes. Também entender os outros, comunicar com os outros, o comunicar é tudo!

Cacau: E eu acho que a gente... poucas vezes valoriza o trabalho e energia que se dá na comunicação, que é um trabalho muito forte.

Carmen: Comunicar, ele tem que ser... comunicar ele... A linguagem da comunicação, para que é que serve? Pra de fato, que é que essa linguagem traz? Isso é muito importante.

(pausa)

Cacau: (...) E você tá como professora também, né, mas você já chegou a dar aula em outros lugares, né?

Carmen: Sim, Escola da Cidade, até as privadas locais né...

Cacau: Eu acho que um ponto muito importante, assim, de quem é Carmen é como você criou teus filhos, teus netos... E você sempre teve muito amor, muita luta né?

Carmen: ... é uma questão também de acolhimento, né? É de acolhimento e de proteção.

Cacau: Que é uma coisa que você traz aqui também no projeto, né? Na ocupação, nas outras ocupações que você articula... quem ocupa...

Carmen: Quem ocupa, cuida!

Cacau: (...) Eu queria voltar um pouquinho atrás para quando você trouxe seus filhos, né... Você chegou aqui não se sentia muito pertencente... como você conseguiu?

Carmen: Aí que eu fui pro Movimento por Moradia, no Movimento por Moradia comecei a participar das várias reuniões, inclusive reunião de outros município, de outra esfera... municipal, estadual e federal, discutindo direitos né.. em 97 a gente ocupou aqui a 9 de julho.

Aí, quando ocupou aqui a 9 de julho, eu vim morar... Aí eu trouxe os meus filhos.

Cacau: Nossa, então esse lugar também é muito da sua história.

Carmen: É muito da minha história, realmente. Porque aqui eu consegui ter um endereço fixo arrumar trabalho próximo, né? Aqui eu consegui trazer os meus filhos. Agora, meus filhos, eu trouxe depois de três anos que eu já estava em São Paulo, né. Porque também não adianta ter pressa, né.

Cacau: Fazer as coisas direito, né? (...) É sempre de um jeito certo...

Carmen: De um jeito certo que tenha configurado uma continuidade, né? não pode ser uma de um toque, de pequeno prazo. As coisas têm de pequeno, médio, longo prazo.

Cacau: Você sempre teve essa visão também, né? Isso é muito importante.

Carmen: Precisa sempre ter uma visão, né? Para além... para além do momento. Se não houver essa visão para além do momento, você não consegue fazer nada.

Cacau: (...) todas as coisas grandes, eu que sou muito nova assim eu olho, gente, eu preciso estudar muito (...) para poder chegar onde a Carmen chega e não vou chegar porque é isso, é tua vida, tua história, a tua cabeça te fez tudo isso acontecer, né? E pra entender um pouquinho mais disso, assim, a gente olha ao redor e sempre tem muita cor, muita vida, música, arte... qual é o espaço da arte, assim, na sua vida?

Carmen: Ah, o espaço... a arte é consequência da cultura, ela é uma consequência. A cultura, ela é transformadora e a cultura nem sempre vai designar a arte. A cultura é antropóloga, ela é de... arqueológica. Ela é de restauro, de origem, é de tradição, né

Cacau: É de aquilombamento...

Carmen: Isso, é de aquilombamento. Então. A cultura, ela é um norte transformador. Porque quando você alimenta a cultura, principalmente, você está alimentando suas origens, é... a origem ela pode ir transcendendo, você pode ir fazendo trocas através dessas origens.

Cacau: Nossa e agora que você falou de origem eu lembrei de uma coisa que eu tô há dias pensando, (...) que é você, se você se sentir confortável, falar da tua avó, da tua mãe, das tuas origens...

Carmen: Olha, a minha mãe era uma mulher afro indígena, mulher retinta, né, de origem Tupinambá. Eu não conheci meus avós, nem de pai nem de mãe, mas pela minha mãe a gente... ela veio também do Recôncavo... plantava arroz... era empregada doméstica, uma exímia cozinheira. Acho que eu herdei dela essa questão da cozinha. E, assim é minha mãe...

Cacau: E a cozinha como um lugar de afeto, um lugar de memória...

Carmen: É... a cozinha é uma questão de afeto mesmo. Memória afetiva, né? É onde você usa os temperos, onde você lida com os próprios alimentos... sabor, né, sabor de infância, sabor de mãe, sabor de vó, né... comida caseira de fato, aquela comida que não é feita com o cunho mercantil, com o cunho de... processado, né? Comida mesmo, de fato... É isso que aqui na cozinha a gente procura fazer. As meninas aí da cozinha, você vê que tudo o que faz é esse processo, né? Não processado, mas um processo de orgânico, humano. Um processo de temperar, de limpar, de lavar, de fazer uma boa comida, assim com um bom temperos vivos. Não esses temperos secos, mas é tempero de horta, tempero de quintal...

Cacau: E isso muda a vida, né?

Carmen: Muda... muda a vida e muda o sabor.

Cacau: Muda do jeito que a gente se relaciona também com o capitalismo, né, que é uma das grandes lutas que a gente trava enquanto a gente antirracistas é contra esse sistema que oprime...

É... e esses alimentos, devido à vida moderna da mulher... da mulher que trabalha fora, acho que os supermercados... os grandes fornecedores se aprimoraram na comida processada que é rápida, né? Mas tem também que ver o mal que faz a saúde, né, e quando a gente tá numa cozinha essa cozinha ancestral, essa cozinha que vem com uma modelagem, né, do que aprendeu com a avó, do que aprendeu com a mãe é trazendo de volta um bom sabor, a comida com cheiro, a comida sem agrotóxicos. Isso é muito importante.

Cacau: Isso pra mim é arte também.

Carmen: É... é arte.

Cacau: Porque além de ser profundamente cultural é um estado de arte... quando você tá na política, quando você tá assinando documento, você tá no seu estado de arte... Porque você tá com a tua cabeça, ali, que a gente sabe que é muito fértil, né, que é muito criativa... Então é muito sobre como você faz as coisas, também, que eu queria ouvir de você.

Carmen: Olha, eu procuro sempre fazer as coisas com pé no chão, costumo dizer: faz com o que tem. Agora, eu procuro estudar muito. Por exemplo, eu não posso falar de moradia se eu não entender, também, como é a sintonia dos eixos da moradia. Eu não posso querer viver num estado que é só faz, faz, faz, constrói, constrói, constrói casa e o povo vai morar sem acessibilidade, sem mobilidade, sem equipamentos públicos. A moradia é só uma porta de entrada para outros direitos, né, para que a pessoa possa ter qualidade de vida.

Cacau: Você é muito um exemplo, assim, de vida para mim e para todos os jovens que estão vindo agora... eu queria saber para quem você olhava, porque você também tá inventando um jeito de ser uma liderança, né. É uma coisa que você tá criando... e eu queria saber quem você admirava, assim, que você admira hoje...

Carmen: Olha, eu sempre tive grandes, grandes referências... a Angela Davis, né?

Cacau: Você chegou a conhecê-la, não?

Carmen: Ela veio na minha casa, tá vindo novamente para o Brasil.

Cacau: Olha!

Carmen: E se envolveu... os grandes líderes, né? Sindicais, os próprios políticos, né. Chico Mendes, grandes líderes sindicais, Che Guevara... Che Guevara pra mim, quando ele escreve, as Veias... quando se escreve aquela leitura das Veias Abertas da América Latina, ali foi fundamental também, né? Quer dizer, quando a gente fala as veias abertas da América Latina... São os vários locais né, saindo de cada... de cima do Brasil, até chegar nos fundões... nos vários países da América Latina. Isso é fundamental para que a gente possa também entender, o próprio Fidel Castro, né Mujica... mas aí, né, os próprios heróis. As grandes heroínas, Dandara, Maria Quitéria, também vi como que as mulheres também viveram naquela época... Princesa Isabel nunca foi... sempre viveu oprimida, casada com um ditador... casada com o maior assassino de indígenas... entre Paraguai, que é o João Del Rey, os falsos heróis que nós temos, aí nós tivemos muito exemplo dentro das várias revoluções... a Revolução Industrial, a Revolução Francesa, tudo comandada por mulheres, né, por exemplo, o 8 de março veio da revolta do assassinato de costureiras, vem da revolta dessas mulheres, né, então tem muita coisa que a gente tem que se explicar. E do próprio Alferes Tiradentes, né, quando ele já gritava né do roubo do nosso ouro... O próprio Antônio Conselheiro, né, o homem que já estruturou, já sabia... que os livros diziam que era um louco, mas ele nunca foi louco ele nunca foi contra a república...

Cacau: Ele tem muito a ver com a tua história também! Eu não tinha feito esse link (...) é lógico, as líderes mulheres eu sempre pensei que você pensa na Quitéria, mulheres que sempre foram muito vocais...

Carmen: Maria Felipa... Maria Felipa era uma negra, uma escrava liberta baiana que foi fundamental para a independência do Brasil. Na costa baiana, é, quando os navios chegavam com os soldados portugueses, ela entrava e desarmava todos, né? Juntava, tinha uma equipe de mulheres junto com ela, então foi fundamental.

Cacau: Essa sagacidade de olhar e fazer uma estratégia e de dentro quebrar o sistema...

Carmen: Isso, e quebrar o sistema por dentro, né... E sem ter nenhuma possibilidade né, uma mulher, quem esperava? E ela ia e sabotava todos os navios.

Cacau: (...) Eu queria entrar nesse seu lado... que você é uma mulher muito feliz, você é muito quente, assim, todo mundo que tá em volta fica bem, assim, você entra numa sala e todo mundo já fica feliz... você traz muito essa vivacidade, né. Eu acho que eu queria te perguntar sobre música...

Carmen: Ah, eu gosto de música, Reggae

Cacau: É?

Carmen: Reggae, adoro o Reggae jamaicano... Reggae é comigo mesmo... Gosto de música, eu gosto de Reggae, né. Gosto de samba, axé. Acho que a música boa, né. A música tem que ser boa, o som tem que ser bom, né. A letra, não é nem a letra, é a música a melodia, né, a melodia...

Cacau: Que é uma coisa de afeto também, né

Carmen: Isso

Cacau: Você criou os teus filhos com música, assim? Você lembra de momentos compartilhados...

Carmen: Ah, sempre indo para os carnavais da Bahia, sempre... Daniela Mercury, criada com... estudei com Tatau do Araketu. Então sempre teve essa coisa presente, né.

(pausa)

Cacau: Então, eu perguntei quais são as figuras que você admira, né, você falou do Antônio Conselheiro e me lembrou uma parte muito doída, assim, da sua vida que foi o momento em que você foi perseguida aqui em São Paulo. Você me conta um pouquinho sobre isso? As suas memórias...

Carmen: A partir da queda do prédio do Wilton Paes em primeiro de maio de 2018, houve aí uma configuração política né, a perseguição política que era... acho que eles viram... (reformula) fizeram uma estratégia que achavam que ia acabar com os movimentos sociais, né, então de moradia... então o que é que eles fizeram? Criminalizaram várias lideranças, né, e nós estamos até hoje respondendo processo, nós somos criminalizados. Já havia um foco também no próprio Ministério Público Criminal, que recebe denúncia anônima sem

avaliar, né. Porque é assim, quando se trata de movimento de moradia, dentro das ocupações principalmente, nós temos regras. E tem pessoas que vêm com outra segmentação, que vem com outro propósito, não o propósito de estar seguindo as regras, pra poder a gente chegar no nosso objetivo maior, que é o objetivo, então, aquilo que não é aceito, que a gente não aceita deles como roubo, pequenos golpes, aí, tudo é motivo de denúncia, né. E aí eles, o Ministério Público aproveitou o emaranhado e aproveitou essas denúncias e aí começa a dizer que a gente vive extorquindo... tudo isso foi o motivo de fazer com que...

Cacau: A denúncia é disso, Carmen?

Carmen: É, denúncia anônima. Tudo isso com o objetivo de fazer... a gente sabe que é uma prisão política, né? Uma conotação política para tentar acabar... mas só que foi um tiro no pé porque os movimentos ficaram muito mais fortes e além de ficar muito mais forte, movimento que realmente tem seriedade, não vai temer uma abordagem dessa, a gente, ao contrário, criou o Instituto Casa Verbo, que é um comitê de combate à fome, alimentando 60.000 famílias... (reformula) 60.000 pessoas, cerca de 12.500 famílias. Nós criamos emprego, geração de renda, né, criamos a cozinha... com a cozinha a gente criou projetos, vários projetos que toda semana alimenta 300, 400 pessoas. Então essa conotação política sempre vai haver, né? Porque quando a gente mostra que o Estado é ineficiente, né, efetivamente o Estado não compõe programas habitacionais ou qualquer outro programa efetivo que não seja voltado à especulação imobiliária, a gente tá metendo o dedo numa seara muito longa.

Cacau: E exige não só a energia que a gente tava falando, de levantar e fazer e comunicar e falar com todo mundo, mas também essa energia do se defender, né? Não só dos abusos que já estão colocados, mas também da perseguição política, né. E como você ficou quando a Preta foi encarcerada...

Carmen: Foi na mesma época, né? Eu só não fui presa porque eu não tava na hora, tava no Rio de Janeiro, né? Mas, as prisões foram as mesmas né...

Cacau: Eu não imagino como você se sentiu recebendo essa ligação, do Rio de Janeiro...

Carmen: Tava no Rio, dando aula na faculdade.

Cacau: Nossa, é... perseguição política é uma coisa que realmente mexe com a gente, né (...) E você sente que os braços nos quais você acolheu essa sua primeira família quando você mudou para cá, hoje, você ainda tem essa demanda, assim, de falar com as pessoas, de conhecer os moradores...

Carmen: Ah, tem muita gente que não é somente aqui da ocupação...

Cacau: São quantas ocupações, hoje?

Carmen: São seis ocupações, mas o movimento já atendeu, eu sei, que é 3.000 famílias, né... vários programas, então tem muita gente, a gente se encontra com muita gente por aí fora...

Cacau: Sim... e você parte de um movimento que... que existem lideranças femininas... são mulheres na frente, assim... tanto na cozinha, quanto no MSTC. Como você articula isso na sua vida?

Carmen: Porque as mulheres, elas se predispõem mais, né? Os homens não são tão... vigorosos, na participação. Então, tá sempre... as mulheres que estão na frente.

Cacau: E a gente sabe que no Brasil a maioria das famílias são...

Carmen: Chefiadas por mulheres, né? 57% das famílias brasileiras são chefiadas por mulheres... e a mulher ainda não tem nem conhecimento de trabalho né, desse trabalho.

Cacau: que não é remunerado... ainda mais você que acumula mais funções ainda, não só de mãe, de líder mas também de política, né? Agora só para fechar, eu queria saber como você se enxerga hoje assim, pensando na Carmen menina, que tinha muitos sonhos...

Carmen: Ah, eu enxergo assim a evolução, né, olhando para trás, onde eu tô. Onde eu estava e onde eu cheguei e aonde eu quero chegar. Eu acho que é. Eu acho que é uma evolução, mas a gente tem sempre ainda a aprender. O caminho a trilhar é longo, né ninguém sabe tudo, ninguém fez tudo. Sempre vai se fazendo alguma coisa né?

Cacau: Você falou de sonhos também... me conta um sonho que você tem, pro seu futuro?

Carmen: Olha... eu acho que o sonho agora é chegar à vereança!

Cacau: Ah, vem aí hein! Arregaçar as mangas, conte com gente pra campanha...

Carmen: Obrigada! Vou precisar mesmo...

Cacau: E um sonho que você tinha quando você era pequena?

Carmen: Crescer!

(...) Todo mundo que é pequeno fala que quer crescer!